

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“Há muitas acusações (contra Temer), algumas evidentes, mas é preciso que haja o carimbo da Justiça” (FHC, após voltar a subir para o muro de onde já havia descido)

Temer, 2º round

► Há indícios de que a meteorologia promete mudanças, e também quem espere pelo “fato novo”

Foi um vexame a reação do Senado ao tentar resistir ao afastamento do senador tucano Aécio Neves da função como determinado pelo ministro do STF Edson Fachin. Uma afronta ao STF. Patético desafio à harmonia entre os Poderes. Esse comportamento foi conduzido pela batuta bisonha do maestro Eunício Oliveira, o senador presidente da casa. Desafinou, mas cedeu.

Aécio foi punido pelas variadas razões que se conhecem. A moldura delas é a corrupção. No âmbito da Operação Lava Jato, ele empurrou para a cadeia a irmã Andrea e o primo Frederico. Aguarda-se, para breve, a definição do destino dele próprio afastado da função, mas protegido pelos pares.

Por mais de 20 dias foi mantido o nome de Aécio no painel do plenário, além do gozo da continuidade das regalias da casa: o gabinete, o salário e o carro oficial, entre outros

benefícios. Darcy Ribeiro, que não tem nada com isso, pouco tempo depois de se eleger, olhou para a decoração em azul do plenário e soltou a ironia: “Entrar no Senado é melhor do que entrar no céu. Não é preciso morrer”.

O governo e seus tentáculos já trabalham para manter unida a base aliada da Câmara. Lá se dará a próxima etapa da luta de Michel Temer para escapar da deposição proposta pela Procuradoria-Geral da República. “Esse pessoal é profissional”, alertou, após ser cassado, o então senador petista Delcídio do Amaral. Referia-se aos peemedebistas.

Para bloquear a abertura de processo, Temer precisa do apoio de, pelo menos, 171 deputados. Ele propaga aos ventos que já tem esse número de aliados. Neste momento não é uma inverdade. Mas é o que está em jogo.

Segundo levantamento do Diap, há 413 deputados da situação. Desses, 240 são classificados como de “apoio consistente” e 173 como de “apoio condicionado”. Os números são expressivos. Retratam, de modo geral, o fracasso dos partidos do chamado “campo progressista”; notadamente, o Partido dos Trabalhadores. Os números da competição entre Dilma e Aécio, no segundo turno, comprovam.

Dilma venceu. Entretanto, o perfil político do novo Congresso não mudou a favor dela, e sim contra. O Congresso, inesperadamente, facilitaria o que viria à frente. O golpe. Mas os ventos de agora podem mudar de rumo. E há indícios da alteração. A força do escândalo no qual Temer está mergulhado até o pescoço, além do crescimento do desemprego, provoca abalos no ordenamento político do Congresso. É o caso visível ocorrido na resistência às mudanças das regras da Previdência.

Além disso, há especulações consistentes quanto à ameaçadora possibilidade para Temer de surgir o que se tornou jargão no meio político: “O fato novo”. Salve-se quem puder. •



Senador “Índio”: A decisão sobre Aécio foi adiada



E como sofreu o Pavão no voo Brasília-Rio...

Riscos da propina

Julio Lopes, deputado do PP do Rio, fez recentemente um voo, de Brasília para o Rio, muito infeliz para ele. Sentou-se na cadeira número 2 e enfiou o rosto nas páginas de um livro. Ou lia, ou fingia ler. Mesmo assim, foi reconhecido.

Havia cerca de 50 passageiros a bordo. Entre vaias e gritos apontavam na direção de Lopes palavras adequadas aos tempos do Brasil de hoje. Como estas: “ladrão”, “safado”, “picareta”, “corrupto”.

Nos corredores da Odebrecht, em busca de propina, recebeu um codinome mais sutil. Lá, foi apelidado de “Pavão”, sempre bem vestido.

Esse astuto almofadinha virou suspeito de ter recebido de empreiteiras, acrescentando-se neste caso a OAS, cerca de 15 milhões de reais de propina no período em que foi Secretário de Transportes no governo subornável de Sérgio Cabral.

No âmbito da Lava Jato, Lopes é carimbado por Benedito Junior, da

Odebrecht, como “o braço e extensão” de Francisco Dornelles, primo de Aécio Neves, vice do atual governador Pezão.

Aos 20 minutos de voo, como a gritaria tornou-se incessante, o comandante da aeronave ameaçou retornar a Brasília. Assim, calou a manifestação. Aproximando-se da chegada no Rio os passageiros reanimaram-se e voltaram às vaias e xingamentos.

O recurso foi empurrar Julio Lopes para a cabine do comandante.

Tramas na Justiça

Gilmar Mendes excomungou a decisão tomada no Senado por ter mantido os direitos políticos da ex-presidenta Dilma Rousseff, após o golpe do *impeachment*.

“Vergonhosa”, “constrangedora”, julgou o magistrado na ocasião.

Tratou o resultado como fruto de “manobras” do ministro Lewandowski, presidente da sessão do *impeachment*.

Agora, como presidente do

Tribunal Superior Eleitoral, coube a ele manter os direitos políticos de Dilma que havia condenado. Fez isso para salvar a pele de Temer.

No código de Gilmar há lugar para tramas.

O tucano Gilmar

Se não fosse “ficha-suja”, segundo o procurador-geral da República, o tucano Aécio Neves teria sido uma carta sob a toga de Gilmar Mendes.

Talvez até mesmo votasse pela cassação de Michel Temer.

Caso fosse punida a chapa Dilma-Temer, assumiria Aécio Neves, segundo os argumentos apresentados pelos advogados dele no TSE.

Dilema cruel: Temer ou Aécio?

Quem manda?

É do ensaísta Otto Maria Carpeaux (1900-1978) o lema de resistência à intromissão do FMI nas soluções econômicas do Brasil. Pode ser adaptado à política nos dias de hoje. Eis aqui.

“Chega de intermediário, Gilmar Mendes para presidente.”

A ira do ministro

Ao invocar a “ira do profeta”, para justificar uma explosão emocional no plenário do Tribunal Superior Eleitoral, o ministro Napoleão Maia trocou o verbo pelo gesto para conter palavrões.

Estendeu a mão e fez um movimento de degola.

Tal qual a rotina do Estado Islâmico com os adversários.

Regras da delação

Cresce no País o número de advogados ditos “especialistas em delação premiada”.

Para eles, a primeira regra é a de afirmar que o cliente não “delata”, só “colabora” com a Justiça; a segunda é negar, negar sempre, até negociar uma saída lucrativa com a Justiça.

Já é possível pensar na possibilidade de certas faculdades criarem cadeira nesta especialidade.

mauriciodias@cartacapital.com.br